

O ANJO ESTILHAÇADO: ASPECTOS DO CONTEMPORÂNEO EM *MIGUEL E OS DEMÔNIOS... OU AS DELÍCIAS DA DESGRAÇA*, DE LOURENÇO MUTARELLI

EL ÁNGEL ESTILADO: ASPECTOS DE CONTEMPORÂNEO EN MIGUEL E OS DEMÔNIOS... OU AS DELÍCIAS DA DESGRAÇA DE LOURENÇO MUTARELLI

André Rezende Benatti¹

Ruthiely Thaianne Cambiaghi²

Resumo: Este artigo tem como objetivo analisar uma das obras de Lourenço Mutarelli, escritor brasileiro, intitulada *Miguel e os demônios... ou as delícias da desgraça*. O texto está estruturado em forma de roteiro, com diálogos curtos e cortes de cena, como por exemplo, "Tela branca.", "O farfalhar do saco plástico.", forma típica do roteirismo. Adorno (2003) afirma que o nível artístico do autor se dá através de sua idiosincrasia em alterar a forma do texto, dentro do livro essa idiosincrasia de Mutarelli se traduz por sua carreira de quadrista. A narrativa se passa no caos e calor da cidade de São Paulo e narra partes da vida de Miguel, personagem principal que dá nome ao livro. Miguel é um policial de 40 anos, acima do peso, que é obrigado a realizar "trabalhos extras" para se manter, vive em uma relação superficial com a ex amante e perdeu contato com a filha. Logo após o divórcio, mudou-se para a casa do pai, que passa seus dias em frente à TV. No decorrer da história, Miguel acaba se envolvendo com um travesti, o que resulta em várias outras peripécias. Ao longo da narrativa é possível ver através da vida conturbada de Miguel, a maneira como o homem contemporâneo passa seus dias, ou seja, buscando diversas maneiras de se auto preencher, tornando-se um sujeito fragmentado. Essa busca incessante pela felicidade, Freud (2010) explicaria como "fenômenos episódicos", ou seja, a felicidade se estabeleceria na busca incessante pelo prazer, uma vez após a outra, a busca pelo "prazer barato". "Miguel e os demônios" se passa em dias atuais, com conflitos que nos aproximam e nos causam empatia. Como embasamento buscaremos nos beneficiar de teorias como de Giorgio Agamben (2009) o que seria contemporâneo, bem como os já citados Adorno e Freud.

Palavras-chave: Fragmentação; Contemporâneo; Lourenço Mutarelli; *Miguel e os demônios*; Literatura brasileira..

Resumen: Este artículo tiene como objetivo analizar una de las obras de Lourenço Mutarelli, escritor brasileño, titulada *Miguel e os demônios... ou as delícias da desgraça*. El texto está estructurado en forma de guión, con diálogos cortos y cortes de escena, como, por ejemplo, "Tela branca", "O farfalhar do saco plástico", la forma típica del guionismo. Adorno (2003) afirma que el nivel artístico del autor se da a través de su idiosincrasia en alterar la forma del texto, dentro del libro esa idiosincrasia de Mutarelli se traduce por su carrera de quadrista. La narrativa se pasa en el caos y el calor de la ciudad de San Pablo y narra partes de la vida de Miguel, personaje principal que da nombre al libro. Miguel es un policía de 40 años, por encima del peso, que está obligado a realizar "trabajos extras" para mantenerse, vive en una relación superficial con la ex amante y perdió contacto con su hija. Después del divorcio, se mudó a la casa del padre, que pasa sus días frente a la TV. En el transcurso de la historia, Miguel acaba envolviéndose con un travesti, lo que resulta en varias otras peripecias. A lo

¹ Professor de Literatura Espanhola, na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS/Campo Grande. E-mail: andre_benatti29@hotmail.com

² Graduada em Letras - Português/Espanhol e suas respectivas Literaturas, pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

largo de la narrativa es posible ver a través de la vida conturbada de Miguel, la manera como el hombre contemporáneo pasa sus días, o sea, buscando diversas maneras de auto-llenar, convirtiéndose en un sujeto fragmentado. Esta búsqueda incesante por la felicidad, Freud (2010) explicaría como "fenómenos episódicos", o sea, la felicidad se establecería en la búsqueda incesante por el placer, una vez tras otra, la búsqueda del "placer barato". "Miguel y los demonios" se pasa en días actuales, con conflictos que nos acercan y nos causan empatía. Como basamento buscaremos beneficiarnos de teorías como de Giorgio Agamben y lo que sería contemporáneo, así como los ya citados Adorno y Freud.

Palabras clave: Fragmentación; Contemporáneo; Lourenço Mutarelli; Miguel e os demônios; Literatura brasileira.

Palavras Iniciais

Por "contemporâneo", tem-se inúmeras definições e conceitos. A dicionarizada se daria como "adjetivo que faz referência ao que é do mesmo tempo, que viveu na mesma época".³ Por exemplo: A música contemporânea é a música do nosso tempo.

Por "homem contemporâneo", encontra-se um conceito um pouco mais restrito, mais dificultoso. Talvez pelo fato de que o objeto se trate de nós mesmos. Seres fragmentados, que buscam se auto preencher através de tecnologias, poder aquisitivo, quer cada vez mais conhecer as coisas que o mundo pode oferecer. Todas as coisas. Arte, música, literatura, lugares; acumular um número incontável de amigos, mesmo sendo eles virtuais e que possivelmente jamais chegará a conhecer. Busca respostas em religiões, busca dominar o próximo, e principalmente a natureza, onde causa cada vez mais danos a um ambiente no qual cada vez menos se encaixa.

Em suma, o homem é um estilhaço que busca conhecer tudo e acaba não conhecendo nada, busca dominar a tudo e acaba não dominando sequer a si. Não alcança sua plenitude e busca consolo em mais fragmentos, tornando-se assim incapaz de expressar suas emoções de maneira concreta, que seja livre da influência cada vez mais gritante da mídia e seus inúmeros produtos que garantem a imediata saída do tédio. Freud (2010) sugere que a finalidade da vida se estabelece na busca pelo prazer, de uma pequena felicidade, pequena no sentido de que, segundo ele, nossa satisfação aconteça apenas em breves momentos, através de um "fenômeno episódico", por isso talvez buscamos com tanta

³ Disponível em: <http://www.significados.com.br/contemporaneo/> Acesso em: 08/11/2017.

voracidade novas sensações, pois seguindo essa visão, a felicidade constante causaria ao invés de contentamento, incômodo e mal-estar.

Desta forma, este trabalho trata-se de uma pesquisa exploratória que se baseia na análise do livro *Miguel e os demônios... ou as delícias da desgraça*, e que tem como base pressupostos teóricos tais como os de Freud (2010) e sua concepção das causas do mal-estar causados em nossa sociedade, bem como teóricos que sustentam conceitos sobre o que é ser contemporâneo, como Giorgio Agamben (2009); além de tratar da estrutura da narrativa através do estudo de como a mesma se desenvolveu nos últimos tempos.

Discussão teórica e sobre a obra

Giorgio Agamben (2009) em um de seus ensaios, "O que é contemporâneo?", afirma que a atenção ao não vivido é a vida do contemporâneo, ou seja, o presente está inteiramente marcado pelo passado; e que a "origem" não está situada em um passado somente cronológico, que entre o passado e o presente existe um compromisso secreto.

Encontra-se dentro dessas características – entre numerosas outras – o nosso "Anjo estilhaçado"; Miguel, 40 anos, acima do peso. Ele é um sujeito atormentado por seus demônios como sugere o nome. Possui lembranças de seu casamento fracassado, a convivência, hoje, com a causa e consequência disso e ainda carrega lembranças de infância. Uma relação distante com o pai, que passa seus dias em frente a uma TV que lhe mostra o tempo todo produtos para facilitar, acelerar, tornar mais funcional a vida. Miguel acaba ao longo da trama se envolvendo em inúmeros episódios erráticos, em busca, como já dito de uma completude.

Essa condição, exclusiva dos seres humanos, é vista cada vez mais a olho nu. Tal assunto não passou a ser estudado apenas recentemente, filósofos, teóricos, o já citado Freud (2010), possuíam conhecimento da situação. E se a arte imita a vida, logo esse adventício chegou também à literatura. E como mostrar mais ainda um fragmento, um sujeito fragmentado que através da própria forma fragmentada do texto? Adorno afirma que "as modificações históricas da forma acabam se

convertendo em suscetibilidade idiossincrática dos autores, e o alcance de sua atuação como instrumentos capazes de registrar o que é reivindicado ou repelido é um componente essencial para a determinação de seu nível artístico " (ADORNO, 2003, p. 58).

Essa idiossincrasia de Lourenço Mutarelli se dá pela carreira de quadrinista, acostumado a rápidos diálogos, fragmentos de cenas e cortes. O estranhamento da forma em si nos causa incômodo e por várias vezes o leitor precisa identificar sozinho o que está acontecendo, como no próprio roteiro no qual a cena fica por conta da imaginação em casos específicos da própria filmagem e principalmente da câmera; que Anatol Rosenfeld afirma ter como "uma função nitidamente narrativa [...]. Focaliza, comenta, recorta, aproxima, expõe, descreve" (ROSENFELD, 1976). Por exemplo no início do livro temos:

Tela branca.
Gargalhada.
— No começo era eu, minha mulher e minha filha...
Gargalhada.
A risada vai sendo abafada por um zunido.
Uma mosca.
Uma enorme mosca. Gorda. Big close-up.
A câmera se afasta, revelando a mosca que se debate contra o para-brisa.
(MUTARELLI, 2009, p.5)

Nesse trecho temos uma cena no qual os poucos detalhes são nos apresentados apenas através "dos olhos da câmera", causando uma confusão inicial. O incômodo real sentido pelo próprio personagem nos é passado logo abaixo, na seguinte cena:

Calor.
Miguel está ao volante. Sério. Suando.
São Paulo.
A mosca se debate contra o vidro.
A mosca parece não perceber o que a detém.
Persiste.
Zunido.
Pedro repete o final da piada e ri:
— No começo, era eu, minha mulher e minha filha...
Pedro ri enquanto come Fandangos.
Mete a mão no pacote de salgadinhos.
O farfalhar do saco plástico.
O farfalhar e a mosca zunindo.
Ensurdecedor. Amplificado.
Pedro ri e mastiga Fandangos.
Close no rosto de Miguel suando.

(MUTARELLI, 2009, p.5)

O incômodo nos é dado a entender por meio de fragmentos da narração, através do que a câmera deveria focalizar. Para Forster (2004), sempre deve existir uma equivalência entre o homem ficcional e o homem real, todavia estes nunca serão os mesmos. No caso da narrativa de Mutarelli, a aproximação entre a realidade e a ficção se faz por meio da própria fragmentação narrativa. A subversão da forma romanesca, que na obra do escritor adquire tons de roteiro cinematográfico, traz um exemplo claro da própria contemporaneidade, na qual o fragmento é parte do próprio mundo contemporâneo.

Miguel é um investigador da polícia civil que vive em São Paulo. Um policial infeliz com a própria carreira. Outras obras já foram escritas com esse teor de "policial insatisfeito", a exemplo de *Elite da Tropa* publicado em 2007 pela Editora Objetiva, escrito por André Batista e Rodrigo Pimentel em parceria com Luiz Eduardo Soares, contendo impressionantes relatos sobre o cotidiano dos policiais brasileiros, mais especificamente do Rio de Janeiro. No entanto, em *Miguel e os demônios*, essa insatisfação não é a motivação do constante desconforto de Miguel, é apenas uma peça de toda uma vida desgostosa.

A esse respeito, é pertinente a colocação do teórico E. M. Forster sobre a personagem ficcional e o ser humano:

O Homo fictus é e não é equivalente ao Homo sapiens, pois vive segundo as mesmas linhas de ação e sensibilidade, mas numa proporção diferente e conforme avaliação também diferente. Come e dorme pouco, por exemplo: mas vive muito mais intensamente certas relações humanas, sobretudo as amorosas. Do ponto de vista do leitor, a importância está na possibilidade de ser ele conhecido muito mais cabalmente, pois enquanto só conhecemos o nosso próximo do exterior, o romancista nos leva para dentro da personagem, "porque o seu criador e narrador são a mesma pessoa" (FORSTER, 2004, p.55).

Foster reconhece um problema sobre a personagem fictícia, que abordada de maneira difusa, a personagem deve dar a impressão de que vive, de que é como um ser vivo, ou seja, que mantém certas relações com a realidade do mundo. Contudo, não deve ser exatamente igual, pois se ocorrer, não será personagem de romance, mas uma monografia. Com *Miguel e os demônios* todo e qualquer leitor pode se identificar com uma situação no qual não se enquadra, em que não se encaixa, e que é obrigado a fazer coisas na busca da sensação de alívio.

O homem mudou ao longo das décadas; seus hábitos, sua forma de trabalhar, suas convicções e convenções sociais. Está cada vez mais buscando brevidade, e a literatura, em alguns aspectos, se adaptou à essas mudanças.

Partindo dos conceitos de que a literatura contemporânea se guia por uma ambição de eficiência e pelo desejo de chegar a alcançar uma determinada realidade e que nela é perceptível a maneira de lidar com a memória histórica e a realidade pessoal e coletiva (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 11), percebemos que em *Miguel e os demônios* esse “realismo” é evidente, ou seja, as situações vividas pelo personagem principal, nos são tangentes, seja pela narrativa permeada pelo trânsito caótico, pela poluição, ou pela busca a qualquer preço de qualidade financeira ou até mesmo interpessoal.

Dentro do livro encontramos inúmeros exemplos de situações palpáveis, Miguel, como já dito anteriormente, é um ser descontente e fragmentado que caminha pela vida que não escolheu para si. Para Rosenfeld, as “melhores” personagens são aquelas mais limitadas, aquelas cujo mundo não é tão amplo, pois estas se parecem muito menos com as pessoas do mundo empírico. Na literatura podemos conhecer todo o mundo das personagens. Há no mundo literário uma limitação, que possibilita ao leitor e analista

[...] maior exemplaridade, maior significação; e paradoxalmente, também maior riqueza – não por serem mais ricas do que as pessoas reais, e sim em virtude da concentração, seleção, densidade e estilização do contexto imaginário, que reúne os fios dispersos e esfarrapados da realidade num padrão firme e consciente. Antes de tudo, porém, a ficção é o único lugar – em termos epistemológicos – em que os seres humanos se tornam transparentes à nossa visão, por se tratar de seres puramente intencionais sem referência a seres autônomos; de seres totalmente projetados por orações. (ROSENFELD, 2002. p 35)

Desta forma podemos pensar nas limitações e a fragmentação da vida cotidiana de Miguel enquanto uma intenção, por parte do narrador, de representar o mais fielmente possível o próprio homem contemporâneo. Já no início da narrativa nos deparamos com vários dos conflitos constantes da vida de Miguel, o barulho e calor insuportáveis da cidade em que vive, a relação com o colega de trabalho, Pedro, e o seu próprio trabalho. Em apenas duas páginas, percebemos que todas essas interações são falhas, seja pela falta de humor do personagem para com o

amigo, seja pelo fracasso no trabalho ou barulho constantemente incômodo a Miguel.

- Vai! – grita Pedro.
Miguel suando, tenta dar partida. O carro não pega.
- Merda!
Pedro desce e começa a empurrar o carro.
Quando ele desce, a mosca voa para fora.
Miguel também desce e ajuda a empurrar enquanto maneja o volante.
Um mendigo desdentado aponta para a cena e começa a gargalhar.
Gargalhada amplificada. Ensurdecidora.
Close na face do mendigo alucinado.
Vê-se a mosca pousar na cara do mendigo.
(MUTARELLI, 2009, p.6)

Essa dificuldade em se relacionar também é notada no convívio com o pai, um homem de terceira idade aficionado por programas de TV que vendem produtos aparentemente indispensáveis para o dia a dia. Se para Giorgio Agamben, “contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro” (AGAMBEN, 2009, p. 62), podemos pensar na narrativa de Mutarelli, enquanto aquela que olha a escuridão que está abraçando o homem contemporâneo. Miguel não se encaixa, de maneira alguma, em qualquer parte do mundo criado pelo narrador, é solitário, como se não tivesse sentimentos.

A exemplo disso, notamos que o pai fez somente o necessário para a criação do filho e que talvez por isso, a relação atualmente seja fragmentada. Miguel não consegue se manter ligado emocionalmente ao pai, refletindo sua criação. Não consegue ao menos tocá-lo com carinho; em determinada passagem, o policial dirige a mão até a cabeça do pai e no entanto, não consegue consumir o ato de carinho. Apesar de todas as coisas que sente necessidade de dizer ao pai, há uma barreira invisível que Miguel não consegue ultrapassar. O pai também não parece sentir a necessidade de que isso mude. Outra relação fracassada e incômoda. As personagens da literatura, e aqui apontamos principalmente as personagens da literatura contemporânea enquanto representantes de um mundo quase em estado de caos,

Muitas vezes debatem-se com a necessidade de decidir-se em face da colisão de valores, passam por terríveis conflitos e enfrentam as situações-limite em que se revelam aspectos essenciais da vida humana: aspectos

trágicos, sublimes, demoníacos, grotesco ou luminosos. (ROSENFELD, 2002, p 45)

O pai de Miguel é também um claro exemplo dessa necessidade de se auto compor, e está refletido nesses produtos interessantíssimos que vê pela TV. Freud (2010) afirma que o homem civilizado vê necessidade de admirar o belo e que não seria surpreendente que até o sabão fosse colocado como medida direta do grau de civilização. Histórias como essa já foram contadas, partindo exatamente dessa premissa de que precisamos adquirir cada vez mais produtos para que sejamos completos, como por exemplo, em *Clube da luta* (1999), de Chuck Palahniuk, em que o personagem principalmente se fragmenta em dois para poder conseguir viver tudo que acha necessário.

No romance de Mutarelli, o pai que sofre um AVC e consegue sobreviver, retorna para casa e passa seus dias exatamente como antes, em frente à TV. Nota-se que o homem de antes é exatamente o mesmo, com a única diferença de não poder murmurar os produtos que tanto adorava. Notamos também que Miguel adquiriu facilmente quase que o mesmo comportamento, ou seja, um reflexo, outro pedaço solto.

Miguel abre a porta do apartamento do apartamento. Entra empurrando o pai na cadeira de rodas.
O pai que agora não fala e não anda.
Miguel afasta a velha poltrona, cadeira do papai, substitui o vazio com o novo e talvez provisório trono.
Liga a TV e se acomoda do lado direito.
Ninguém fala.
Um casal de avental
Rala cenouras,
sem graça.
O telefone
toca,
toca,
toca.
Não há ninguém
que queiram
atender.
Anoitecem na penumbra.
Iluminados pelo aparelho que vende
imagens estroboscópicas.
(MUTARELLI, 2009, p.109-110)

Miguel vive um relacionamento com Sueli, uma manicure que fala errado e que tenta parecer fina. Sueli tem duas filhas e veio também de um casamento

fracassado por conta de abusos do pai das crianças. Miguel claramente também não se conecta emocionalmente à namorada. Vivem uma relação de *loop infinito*, jantar, motel, presentes, não necessariamente nessa ordem. Sueli foi a amante responsável pelo fim do casamento de Miguel que ocasionou o afastamento de sua filha. Três relacionamentos fracassados de uma só vez.

Uma das partes mais incômodas da vida de Miguel, após seu casamento, é a maneira como precisa por determinadas vezes conseguir dinheiro. Por ser policial, ele e seu colega Pedro são tidos como “justiceiros”, com isso, são oferecidos a eles trabalhos aparentemente de “higiene social”.

Pedro se aproxima e confidencia:

- Quer pegar um serviço por fora? É uma grana legal.
- O quê?
- Uns comerciantes... Vamos tomar café na padoca.

[...]

Pedro continua a conversa:

- É um serviço rápido e a grana é boa.
- Pelo visto, não é pra fazer segurança.
- De certa forma...
- Você disse que é coisa de comerciante.
- É, eles precisam de uma faxina... Higiene Social
- Garotos?
- Uma molecada que anda barbarizando.

Miguel arfa.

- Quanto?
- Nove paus.
- Para cada um?
- Isso aí.

(MUTARELLI, 2009, p. 14-15)

A relação de Miguel com o trabalho, que poderia servir de fuga a sua vida fora de casa, é apenas mais um elemento que confirma a sua eterna insatisfação e infelicidade, pois ele não se sente à vontade e faz coisas das quais não se orgulha, como passar o expediente jogando paciência ou fazendo as “limpezas sociais” por “nove paus cada”.

Em uma de suas missões pela polícia, os dois policiais encontram em uma casa uma múmia. Ali Miguel conhece um travesti que por coincidência seria amante do Delegado, seu chefe. A partir de então, começa a obsessão de Miguel, por Cibele.

No decorrer do livro podemos observar que a maior busca de Miguel para se auto preencher, se sentir melhor ou se enquadrar em algum lugar é a busca por sexo. Ocorreu dessa maneira com a esposa, a amante Sueli, até que encontra seu novo alvo. Isso determina inclusive o fim do relacionamento com a amante. Observamos aí que a tão desejada válvula de escape é encontrada, pois a cada situação vivida por Miguel, encontrar Cibele é a solução. Mas, sendo Miguel um homem contemporâneo marcado pela fragmentação de sua incompletude, a nova amante passa a não ser suficiente a não ser que seja o tempo inteiro. Ela causa em Miguel alucinações e teorias conspiratórias, buscando respostas para esse interesse compulsório.

O desenrolar da história acontece de forma rápida e até certo ponto confusa, nos causando dúvida entre o real e irreal. A namorada se mata levando juntos suas duas filhas, Miguel tenta “se salvar” buscando ajuda em uma espécie de seita que salva mentes perturbadas por demônios como os que está enfrentando. Esse comportamento de busca incessante se traduz no comportamento geral do homem contemporâneo de obter respostas sobre aquilo que o incomoda e não consegue enxergar, ou seja, busca respostas mesmo que escorregadias, está tentando amparar-se pelo “saber”. A busca pela religião é uma das características mais marcantes do homem contemporâneo, segundo Freud,

[...] o sistema de doutrinas e promessas de que um lado lhe esclarece os enigmas deste mundo com invejável perfeição, e de outro lhe garante que uma solícita Providência se velará por sua vida e compensará numa outra existência as eventuais frustrações desta. Essa Providência o homem comum só pode imaginar como um pai grandiosamente elevado. Apenas um ser assim é capaz de conhecer as necessidades da criatura humana, de ceder a seus rogos e ser apaziguado por seu arrependimento. Tudo isso é tão claramente infantil, tão alheio à realidade, que para alguém de atitude humanitária é doloroso pensar que a grande maioria dos mortais nunca se porá acima desta concepção de vida. Ainda mais vergonhoso é constatar que um bom número de contemporâneos, embora percebendo como é insustentável essa religião, procuram defendê-la palmo a palmo, numa lamentável retirada. (FREUD, 2010, p. 17)

Um exemplo dessa afirmação são as mais de 10 mil existentes no mundo e seus mais de dois bilhões de cristãos, segundo um estudo realizado em 2012 pelo pesquisador David Barrett. Para buscar solucionar essa paixão pela travesti Cibele, Miguel acredita estar sendo vítima de uma trama maçônica, que busca desde os

tempos mais remotos capturar a essência do homem através de relações sexuais. Ter um relacionamento como Cibele, mesmo que de pura casualidade, acabaria com a “moral” de Miguel, principalmente sendo ele um policial. Quanto a isso, ainda em Freud, o mesmo aponta que “o homem se torna neurótico porque não pode suportar a medida de privação que a sociedade lhe impõe” (FREUD, 2010, p.32).

A narrativa de Mutarelli se caracteriza pela carreira do escritor como quadrista, com diálogos rápidos que se assemelham muito à fala cotidiana. Segundo Freud a escrita contemporânea é uma escrita que “age para se vingar” e que o essencial é observar que essa escrita se guia por uma ambição de eficiência e pelo desejo de chegar a alcançar uma determinada realidade, em vez de se propor como uma mera pressa ou alvoroço temporal. (FREUD, 2010, p. 11) Esse fato está caracterizado muito bem nas obras de Mutarelli, especialmente em *Miguel e os demônios*. Essa escrita célere marcada por trechos fragmentados caracteriza exatamente a vida de Miguel, que não consegue se expressar e nem demonstrar seus sentimentos completamente.

Miguel fazia as unhas no salão em que Sueli trabalha. Sentia uma atração incontrolável por ela. Mas não conseguia exteriorizar seus sentimentos. Faltava coragem. Miguel é tímido. Miguel nunca se sente confortável. Para Miguel o mundo é como uma festa para a qual ele não foi convidado. Entrou pelos fundos. (MUTARELLI, 2009, p.12)

Nota-se que Miguel que já fora um “homem completo”, foi-se estilhaçando conforme o decorrer das coisas, e se para Agambem

[...]o contemporâneo não é apenas aquele que, percebendo o escuro do presente, nele apreende a resoluta luz; é também aquele que dividindo e interpolando o tempo, está à altura de transformá-lo e de colocá-lo em relação com os outros tempos, de nele ler de modo inédito a história, de ‘citá-la’ segundo uma necessidade que não provém do seu arbítrio, mas de uma exigência à qual ele não pode responder. É como se aquela invisível luz, que é o escuro do presente, projetasse a sua sombra sobre o passado, e este, tocado por esse fecho de sombra, adquirisse a capacidade de responder às trevas do agora. (AGAMBEN, 2009, p.72)

Miguel corresponde a isso quando, por exemplo, lemos a passagem em que quando criança encontra um cachorro em estado de decomposição; Miguel passou dias observando o corpo do cachorro se desmanchar, e o curioso é que ele se lembra disso quando se depara com homicídios, com corpos humanos. Podemos vir a

acreditar que a escolha da profissão de Miguel tenha se dado por esse fato inicialmente. Miguel já possui essa noção de que seu passado, até o mais remoto reflete-se em sua vida adulta. A consciência de Miguel relativa a seu passado pode ser comprovada em diversos trechos da narrativa, e esta é marcada pelo tom da imagem que o narrador projeta ao leitor.

Sépia.

O menino cutuca com um graveto o cão morto. Os olhos do cão estão abertos.

Como se pode morrer de olhos abertos? O menino não entende. Agora o menino toca o cão com a ponta dos dedos. O cão é frio. Era a vida que fazia o cachorro quente. O menino percebe o trocadilho e ri. Não do cachorro. Nem da morte, mas da vida. (MURATELLI, 2009, p. 23)

A consciência da lembrança faz com que Miguel atualize e reconstrua as informações que foram adquiridas, e claro, completar as lacunas da memória com saberes que agora possui. De acordo com Pollak (1992), tudo o que a memória individual grava, relembra, exclui, seleciona, é resultante de uma organização das informações que estão, de alguma maneira, relacionadas à própria construção do presente. Miguel só relembra de fatos que podem ajudá-lo a compreender quem ele é, fatos que, de certa forma, foram marcantes para construção de parte de sua personalidade e dos quais ele tem consciência. É a memória que permite comprovar qualquer fato vivido e compreender a construção de nossa própria história, permitindo, assim, a percepção da passagem do tempo e do envelhecimento.

A memória é uma forma discursiva que fixa as vivências e as ficcionaliza em interpretações pessoais do que ocorreu. A memória, não podemos esquecer, é fragmentada, não linear, ela surge como algo que permite ao portador recuperar, juntar os fatos, criando algo que, talvez, não seja o real. Ela, contudo, é sempre verossímil. Para Pedro Nava em *Baú de ossos*:

(Memórias/1). A memória dos que envelhecem (e que transmite aos filhos, aos sobrinhos, aos netos, a lembrança dos pequenos fatos que tecem a vida de cada indivíduo e do grupo com ele estabelece contatos, correlações, aproximações, antagonismos, afeições, repulsas e ódios) é o elemento básico na construção da tradição familiar. Esse folclore jorra e vai vivendo do contato do moço com o velho – porque só este sabe que existiu em determinada ocasião o indivíduo cujo conhecimento pessoal não valia nada, mas cuja evocação é uma esmagadora oportunidade poética. (NAVA, 1973, p. 17).

Todavia o conceito de Nava pode ser utilizado, também, em se tratando da memória individual, como a de Miguel, que explica suas sensações e percepções de uma realidade presente por meio da memória de sua infância, em diversos trechos. Todavia, assim como a própria memória, Miguel se sente incompleto, não se encaixando em qualquer meio social no qual conviva.

Voltando nossos olhos para o homem contemporâneo, percebemos que de acordo com Angela Maria Pelizer de Arruda,

A vida do homem contemporâneo está cada vez mais envolvida com um ritmo frenético, uma descontinuidade de tempo e espaço, uma necessidade cada vez maior de trabalhar mais para viver melhor e um desejo de viver melhor para poder trabalhar menos. Tudo se resume a pequenas partes separadas de um quebra-cabeça que parece não se juntar nunca, de forma a apresentar a vida – que é (ou deveria ser) algo contínuo e ininterrupto – em algo completamente fragmentado e separado pelos dias vividos e pelos ambientes e situações encontrados. (ARRUDA, 2012, p.229)

É interessante pensar que, mesmo se valendo, ao longo do texto, de referenciais memorialísticos, o narrador descreve Miguel enquanto uma personagem que não se adapta com nenhum ambiente ou pessoa, seja a família, o trabalho, os relacionamentos. Miguel é incompleto, fragmentado. Nesta medida pensamos em Miguel em relação ao sujeito contemporâneo, que em meio ao caos da vida moderna não se encontra conectado a nada.

A literatura contemporânea, explora, como podemos perceber, fatos íntimos que, todavia, talvez, por conta de extrema exposição que as mídias, por meio das tecnologias, fazem do próprio ser humano. Ou seja, um problema social e pessoal ao mesmo tempo. Para Schøllhammer,

A literatura que hoje trata dos problemas sociais não exclui a dimensão pessoal e íntima, privilegiando apenas a realidade exterior; o escritor que opta por ressaltar a experiência subjetiva não ignora a turbulência do contexto social e histórico. Entre esses extremos, que tal enfoque crítico tende a sublinhar, existe um vasto campo diferenciado que se encontra também atravessado por uma polarização problemática: de um lado, aqueles que enveredam por experiências da linguagem e estilo (os “chatos e herméticos”), e, de outro, aqueles que se voltam para narrativas mais tradicionais de entretenimento e da “história a ser contada”. (SCHØLLHAMMER, 2009, p. 15-16)

Assim, tomamos a literatura de Lourenço Mutarelli enquanto pertencente a um quadro que sai do quadro das narrativas tradicionais, se aproximando do roteiro

cinematográfico. Em toda narrativa, percebemos a presença de uma estrutura que não é a do romance tradicional, a forma de narrar se diferencia e provoca outro efeito no leitor, o mesmo efeito que se tem ao se ler um roteiro. As informações e percepções do que está ao redor não estão completas, dependendo do próprio leitor para se tornarem mais precisas:

Miguel roda com o Uno.
O rádio reproduz "My way"
Miguel para em frete ao prédio de Sueli.
Ameaça buzinar, mas não buzina.
Arranca.

Loja de conveniência.
Café e revista semanária.
Pedro entra.
Miguel devolve a revista.
Pede outro café. (MUTARELLI, 2009, p. 45-46)

De acordo com Rosana Cristina Zanelatto Santos e Juliana Ciambra Rahe Bertin (2015), a própria criação do narrador enquanto um jornalista e roteirista de cinema que deseja escrever um romance policial e que se aproxima dos investigadores de polícia para coletar histórias é uma das justificativas para a escolha da forma do romance. Desta maneira percebemos o alinhavar da criação do romance contemporâneo no qual a estruturação narrativa se mescla ao enredo justificando o estilo do autor.

Se para Agamben,

A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distâncias; mais precisamente, essa é a relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo. Aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isto não conseguem vê-la, não podem manter fixo o olhar sobre ela. (AGAMBEN, 2009, p. 59)

Podemos pensar construção do texto de Mutarelli não enquanto um entusiasmo de inovação do gênero, ou como as tendências de hibridação propostas na contemporaneidade, mas como um experimento que ao aderir à hibridação do texto, que é romance e roteiro ao mesmo tempo, se distancia da forma de criação literária da contemporaneidade muito mais voltada ao "eu". Há, na escrita de Mutarelli, presença e rechaço às tendências de escritas do século XXI. O que, de alguma maneira, torna a obra extremamente contemporânea.

Considerações Finais

Desta forma, percebemos *Miguel e os demônios* enquanto uma obra que carrega em si diversos elementos da contemporaneidade. O contemporâneo, no romance, está na forma com que ele se constrói, utilizando-se de elementos do romance policial, aqui não mencionados, para se sobressair em um estilo completamente novo, com a aproximação ao roteiro, refletindo um enredo cujos próprios personagens são também criados de modo a pensar no homem do século XXI. Ao mesmo tempo em que se encontram conectados, estão completamente sós.

Referências

ADORNO, T. Posição do narrador no romance contemporâneo. In: *Notas de literatura I*. Tradução de Jorge de Almeida. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2003.

AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo? e outros ensaios*. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó: Argos, 2009.

ARRUDA, Angela Maria Pelizer de. Cultura e literatura contemporâneas: algumas abordagens do pós-moderno. *Estação Literária*, Londrina, v. 9, n. 1, p.220-237, jun. 2012.

CANDIDO, Antonio; GOMES, Paulo Emílio Salles., PRADO, Décio de Almeida e ROSENFELD, Anatol. *A Personagem de Ficção*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

FORSTER, Edward Morgan. *Aspectos do romance*. Trad. Sergio Alcides. 4. ed. revisada. São Paulo: Globo, 2004.

FREUD, Sigmund. Freud (1930-1936): *O mal-estar na civilização e outros textos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

MUTARELLI, Lourenço. *Miguel e os demônios... ou as delícias da desgraça*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NAVA, Pedro. *Baú de ossos*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973

POLLAK. Michael. *Memória e identidade social*. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212. Disponível em:

<<http://www.pgedf.ufpr.br/memoria%20e%20identidadesocial%20A%20capraro%20.pdf>> Acesso em: 01/09/2017.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: CANDIDO, Antonio; ROSENFELD, Anatol; PRADO, Décio de Almeida; GOMES, Paulo Emílio Salles. *A personagem de ficção*. 10. ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

SCHØLLHAMMER, Karl Erik. Que significa literatura contemporânea? In: SCHØLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 9-19.

SANTOS, Rosana Cristina Zanelatto; BERTIN, Juliana Ciambra Rahe. Entre o roteiro e o romance: Miguel e os demônios, de Lourenço Mutarelli. *Polifonia*. Cuiabá, Cuiabá-MT, v. 22, nº 32, p. 139-152, jul-dez., 2015.

Recebido em: 13 de janeiro de 2019

Aceito em: 05 de maio de 2019

Publicado em: junho de 2019